

## MEMÓRIA E ESCÂNDALOS POLÍTICOS: A COBERTURA DO “MENSALÃO DO DEM” PELA FOLHA DE SÃO PAULO

Douglas Zampar<sup>24</sup>

Maria Célia Cortez Passetti<sup>25</sup>

**RESUMO:** O “Mensalão do DEM” foi um escândalo de corrupção ocorrido em Brasília, no ano de 2009, envolvendo o Democratas (DEM), partido do então governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda. A designação “Mensalão do DEM” é construída a partir da memória de outro escândalo de corrupção amplamente divulgado pela mídia em 2005: o “Mensalão” ou “Mensalão do PT”. Temos como objetivo, amparados teoricamente pela Análise de Discurso, analisar a forma como a memória discursiva participa da produção de efeitos de sentidos na cobertura de um acontecimento político, estudando, especificamente, a cobertura do mensalão do DEM pela Folha de São Paulo. Observamos, inicialmente, como ocorre o processo de interconexão entre os sentidos produzidos a partir dos dois Mensalões na oposição entre dois símbolos que passaram a significar o acontecimento político em tela: os panetones e os pagamentos mensais de propina. Discutimos também o funcionamento da memória da quebra do sigilo do painel de votação do senado, ocorrido em 2001, envolvendo José Arruda, principal envolvido no mensalão do DEM.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória discursiva. Política. Mensalão do DEM. Produção de sentidos.

**ABSTRACT:** The “Mensalão do DEM” was a corruption scandal which happened in Brasília, in the year 2009, with the political party Democratas (DEM), the party of the current governor of Distrito Federal, José Roberto Arruda. “Mensalão” comes from the word “mensal” that means monthly and refers to illegal monthly payments to politicians. The designation “Mensalão do DEM” is built on the memory of another corruption scandal widely noticed by the media in 2005: the “Mensalão” or “Mensalão do PT”. Supported by Discourse Analyses, we aim at analyzing how discursive memory participates on the meaning production during the coverage of a political happening, studying, specifically, the coverage of “Mensalão do DEM” by the newspaper Folha de S. Paulo. We observe, initially, the process of interconnection of meanings between the two mentioned scandals by studying two symbols that were used to signify the last one: the panettone and the illegal monthly payment of fee. We also discuss the memory operation of the breach of confidentiality in a voting in the senate, in 2001, by José Roberto Arruda, the main participant of “Mensalão do DEM”.

**KEYWORDS:** Discursive memory. Politics. Mensalão do DEM. Meaning production.

### Introdução

O termo “Mensalão do DEM” surge na mídia nacional no final de novembro de 2009 para designar um escândalo de corrupção envolvendo o então governador do Distrito Federal (DF) José Roberto Arruda (eleito pelo partido Democratas, DEM, desfilou-se do partido para evitar expulsão iminente por conta das denúncias). A operação que revelou o esquema foi iniciada pelas denúncias de Durval Barbosa, que atuou como Secretário das Relações Institucionais durante o governo de José Arruda, e fez as denúncias num sistema de delação premiada, no qual informações importantes são trocadas por redução de pena em caso de condenação nos processos aos quais o delator responde, mais de 30 no caso de Barbosa. As investigações correram em sigilo até que o vazamento de informações adiantou para o dia 27

<sup>24</sup> Mestrando da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

<sup>25</sup> Professora do Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

de novembro de 2009, a realização de 16 mandatos de busca e apreensão em casas e gabinetes de secretários do governo e em um anexo da residência oficial do governador.

Alguns vídeos gravados de forma ilegal e outros com mandado e sob supervisão da Polícia Federal (PF) sustentam as denúncias de Durval Barbosa. As imagens foram disponibilizadas para a mídia pela PF e passaram a circular, sendo exibidas em telejornais e disponibilizadas em diversos sites. Essa produção midiática chamou a atenção dos pesquisadores por retomar e ressignificar a memória de outro escândalo: o “mensalão do PT”, descoberto em 2005. A partir das inquietações surgidas, propusemos um projeto de pesquisa intitulado “Memória Discursiva e (Re)produção de sentidos: a ‘Folha de S. Paulo’ e o ‘Mensalão do DEM’”, cujos principais resultados estão apresentados neste trabalho. Temos como objetivo compreender, a partir da construção de um dispositivo teórico analítico sustentado na Análise de Discurso (AD), como a memória de outros escândalos participa da produção de sentidos em torno do “mensalão do DEM”, centrando nossa atenção na memória de dois escândalos: o “Mensalão do PT” e o escândalo da quebra do sigilo. Para nosso *corpus*, elegemos o jornal Folha de São Paulo, por sua expressividade no cenário nacional, e recortamos trinta dias da publicação, de 28 de novembro, primeiro dia em que o escândalo é mencionado, a 28 de dezembro de 2009.

Um olhar amplo sobre o *corpus* da pesquisa na qual este estudo se insere revela que, quando a memória do “mensalão do PT” se faz presente nos textos da Folha de São Paulo sobre o “mensalão do DEM”, os sentidos são construídos de forma a criar um efeito de identificação entre os dois escândalos. Analisamos aqui a forma como ocorre esse processo de interconexão dos dois escândalos na oposição entre dois símbolos que passaram a significar o acontecimento político: os panetones e os pagamentos mensais de propina. Pretendemos mostrar como as denominações “golpe do panetone” e “mensalão do DEM”, e outras derivadas dessas, configuram-se como pontos de deriva a partir dos quais os sentidos são construídos e os enunciados se historicizam, abrindo-se para interpretação.

Trazemos também, neste recorte, o estudo da memória de um escândalo ocorrido em 2001, envolvendo José Roberto Arruda, então senador pelo PSDB. A cassação do ex-senador Luís Estevão fora votada no senado por meio do voto sigiloso e Arruda foi acusado de conseguir a lista da votação contendo o nome de todos os senadores e seus respectivos votos. Em abril de 2001, Arruda se desfilou do PSDB e, em maio, renunciou ao cargo, assumindo que de fato havia recebido a lista e tomado conhecimento dos votos dos senadores. Observamos como a memória da quebra do sigilo de votação no senado atua na produção de sentidos para José Roberto Arruda e seu envolvimento no “mensalão do DEM”, sustentando a

possibilidade do dizer por meio de filiações a redes de sentido e cristalizando determinados sentidos para Arruda. Discutimos, especificamente, a forma como o jornal constrói para Arruda a imagem de um político que se comporta ciclicamente, e, mais a fundo, uma das fases do ciclo de Arruda: a desfiliação.

### **Memória discursiva: conceituação**

O trabalho com AD propõe questionar as formas pelas quais a língua significa. É preciso buscar no texto a sua discursividade, ou seja, sua inscrição histórica, suas filiações ao interdiscurso. Para que o sentido seja possível, é preciso que exista uma memória discursiva, uma memória construída por dizeres e silêncios outros que são ativados no e pelo dizer. Pêcheux (2007 p. 52) define a memória discursiva nos seguintes termos:

a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua própria leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

Para a AD, portanto, os sentidos do texto não estão presos aos enunciados, eles se constituem por meio das filiações ao interdiscurso, de modo que outros dizeres são ideologicamente presentificados. Os pré-construídos, os discursos transversos, os elementos citados e relatados, são elementos que constituem o interdiscurso e que retornam ao enunciado, conferindo-lhe significados, processo que Pêcheux (1988) explicita ao defender a dependência da Formação Discursiva em relação ao interdiscurso.

O texto, conforme afirma Orlandi (2001), significa pelo seu entorno, por tudo aquilo que, embora não se faça visível na superfície textual, é necessário para que o texto signifique e seja passível de interpretação. O funcionamento da memória discursiva é, portanto, fundamental no discurso. Cabe ao analista, a partir de seu dispositivo teórico analítico, buscar restabelecer as referências presentes em um texto, reconstruir os deslizamentos de sentidos que ressoam nos enunciados, fazer vir a tona as memórias que operam em um texto. Conforme atesta Orlandi (2008), diante da evidência de uma interpretação que se apresenta como única, devemos procurar pela forma como os sentidos foram produzidos. Ao mostrar como os sentidos e os sujeitos se produzem a partir do estabelecimento de uma complexa rede de filiações a ditos e não ditos outros, filiações essas que atestam o caráter material do sentido e do discurso ao estabelecerem as conexões entre o dizível e a história, mostra-se o processo de constituição do sujeito e dos sentidos. O trabalho com a memória exige do analista,

portanto, um trabalho que visa atravessar a superfície textual, desfazer as evidências, e lançar luz às redes de significações que permitem a interpretação.

### **Memória, história e redes de sentido**

Pêcheux (2008) estabelece como espaço de atuação da AD o lugar no qual os enunciados são vistos como tendo pontos de deriva:

Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso. (PÊCHEUX, 2008, p. 53)

Diante de um objeto simbólico, o sujeito é levado a interpretar, e para tanto, mobilizará redes de sentido nas quais, através de processos de “manipulação de significações estabilizadas” e de “transformações de sentido” (Pêcheux, 2008, p. 51), os sentidos são ideologicamente e inconscientemente produzidos. Pela relação de um enunciado com outros passados, já integrantes do interdiscurso, e pela abertura desse enunciado a outros futuros é que se atribuem os sentidos. Assim, ao realizar um gesto de leitura sobre os textos buscando o funcionamento da memória discursiva nos depararemos com uma teia heterogênea de mecanismos, e buscaremos a compreensão dessa teia materializada nos textos. Cabe ao analista do discurso buscar esses “pontos de deriva”, perceber no enunciado onde e como a ideologia pode incidir e explicitar diferentes possibilidades de interpretação a partir de diferentes forças ideológicas que podem ser colocadas em prática a partir de determinado enunciado.

Nas palavras de Mariani (1998, p. 34):

A AD trabalha analisando os espaços organizados entre um dizer já-dito, com sentidos já legitimados antes e em algum lugar, e a possibilidade da abertura desse dizer para rupturas, provocando o surgimento de outros sentidos. A AD considera, no movimento dos sentidos, a relação de forças entre o “um” e o “múltiplo”, entre o mesmo e o diferente, e o fato de que também na repetição pode haver diferença.

É também da ordem da memória instituir determinadas interpretações em detrimento de outras. Assim, conforme destaca Mariani (1998), as relações de forças sociais podem fazer com que um sentido permaneça como interpretação para determinado acontecimento, enquanto outros sentidos possíveis serão levados ao esquecimento. Esses sentidos esquecidos podem, entretanto, retornar, fazendo as redes de sentido se modificarem e permitindo que diferentes interpretações sejam lançadas a um mesmo acontecimento. Assim, “para não entrar no efeito de evidência e completude produzidos pela memória [...], não podemos descartar a possibilidade de que é possível ler diferentemente história e sentido” (Mariani, 1998, p. 37).

As designações constituem uma forma de estudar o funcionamento da memória discursiva. A respeito do comunismo, seu objeto de trabalho, Mariani (1998, p. 107) afirma que “uma análise dos nomes ‘comunismo’, ‘comunistas’ e suas variações não pode ser reduzida a associação de um rótulo verbal a um estado de coisas no mundo”. Concordamos com a autora e, como consequência, entendemos que diferentes designações não são simplesmente diferentes formas de apontar para o mesmo acontecimento. Antes disso, trata-se de construir e/ou cristalizar memórias que constroem não o acontecimento em si, mas sua representação, ou seja, um imaginário que responde, a partir de uma inscrição ideológica, à pergunta *o que é o “mensalão do DEM”/“escândalo dos panetones”*. Importa destacar, dessa afirmação, que se trata, portanto, da construção sócio-discursiva de um imaginário para o acontecimento.

### Denominações

No dia 29 de novembro de 2009, a Folha de São Paulo noticiou a divulgação de um vídeo no qual o ex-governador do DF José Roberto Arruda aparece recebendo dinheiro de Durval Barbosa. Diante da acusação de que o vídeo mostra a doação ilegal de recursos para a campanha de Arruda, o partido apresenta sua defesa:

(1) *“A assessoria de Arruda disse que a imagem é de 2005 e o dinheiro seria parte de uma contribuição para compra, entre outros produtos, de panetones a serem dados aos pobres.”*<sup>26</sup>

A partir dessa declaração, surge a possibilidade de designar o acontecimento político pela remissão aos panetones, como ocorre nas designações “golpe do panetone” e “crise do panetone” destacadas nos trechos que compõe as sequências discursivas 2 e 3:

(2) *“O golpe do panetone na capital da República atinge a candidatura tucana à Presidência por motivos óbvios”*<sup>27</sup>.

(3) *“Na crise do panetone, o governador José Roberto Arruda se desfilia do DEM na véspera de ser expulso e por puro cálculo político”*<sup>28</sup>.

Outra denominação possível é “mensalão do DEM”, conforme podemos observar em 4. As sequências discursivas 4 e 5 foram retiradas do primeiro dia da cobertura do acontecimento político pela Folha:

<sup>26</sup> MATAIS, Andreza; MICHAEL Andréa e CORRÊA, Hudson. Em vídeo, governador do DF recebe pacote de dinheiro. **Folha de São Paulo**, 29 nov. de 2009. Brasil, p. A2.

<sup>27</sup> CANTANHÊDE, Eliane. E nós com isso? **Folha de São Paulo**, 03 dez. de 2009. Brasil, p. A2.

<sup>28</sup> CANTANHÊDE, Eliane. Dia de cão. **Folha de São Paulo**, 11 dez. de 2009. Brasil, p. A2.

(4) “*Ontem surgiu o já chamado mensalão do DEM.*”<sup>29</sup>

(5) “*Conforme Barbosa, Maciel também receberia dinheiro do esquema do governador para ‘base aliada’. Arruda chega a fazer a perguntar [sic] a Barbosa: ‘Aquela despesa mensal com político sua esta em quanto?’*

*Em 2005, a Folha revelou um esquema organizado pelo PT que ficou conhecido por mensalão, que consistia no pagamento de propina em troca de apoio parlamentar. Foi o maior escândalo da primeira gestão do presidente Lula.*”<sup>30</sup>

Em 4 e 5 é possível perceber o deslizamento de sentidos que ocorre entre “despesa mensal”, o termo mensalão e o acontecimento político conhecido como “mensalão do PT”. Inicialmente, destacamos a pergunta: “Aquela despesa mensal com político sua está em quanto?”. Sabemos que as palavras não retiram seu sentido de uma ligação direta que estabelecem com aquilo que designam. Não podemos, portanto, nos deixar levar pela evidência de que a designação “mensalão do DEM” simplesmente se refere ao pagamento mensal de propina à base aliada do DEM. As palavras retiram seus sentidos de complexas redes que se constituem no interdiscurso, e a pergunta em destaque aponta para uma rede de sentidos estabelecida a partir da discursivização do “mensalão do PT” em 2005. Para percebermos a forma como os sentidos deslizam, trazemos um trecho do texto “PT dava mesada de R\$ 30 mil a parlamentares, diz Jefferson”, manchete da Folha de São Paulo do dia 06 de junho de 2005:

(6) “*Roberto Jefferson, presidente nacional do PTB, afirma em entrevista que o tesoureiro do PT, Delúbio Soares, pagava um ‘mensalão’ a parlamentares em troca de apoio no congresso. Eram, diz, R\$ 30 mil mensais entregues a representantes do PP e do PL pelo menos até janeiro.*”<sup>31</sup>

O pagamento mensal de propinas é, portanto, uma semelhança entre os dois acontecimentos políticos e, quando pensamos no processo de significação das palavras por meio de sua filiação ao interdiscurso, percebemos que em “mensalão do DEM” funciona uma retomada de sentidos centralizada no pagamento mensal de propinas e produzida a partir do “mensalão do PT”. Não se trata, portanto, de simplesmente designar o esquema de corrupção por uma de suas características, mas de, por meio da construção histórica dos sentidos do termo “mensalão”, designar um esquema pelo conjunto de semelhanças que este guarda com outro. Esse deslizamento dos sentidos vem para a superfície textual quando, no segundo parágrafo de 5, o jornal menciona o “mensalão do PT”, destacando que as propinas pagas mensalmente eram destinadas à base aliada ao governo petista, outra semelhança entre os dois

<sup>29</sup> RODRIGUES, Fernando. Brasília, Brasil. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 de nov. de 2009. Brasil, p. A2.

<sup>30</sup> MICHEL, Andréa; CORRÊA, Hudson e COUTINHO, Filipe. PF diz que Arruda mandou dar R\$ 400 mil a deputados. **Folha de São Paulo**, 28 nov. de 2009. Brasil, p. A2.

<sup>31</sup> PRETE, Renata Lo. PT dava mesada de R\$ 30 mil a parlamentares, diz Jefferson. **Folha de São Paulo**, 06 jun. de 2005. p. A1.

escândalos, conforme podemos ver ao colocar lado a lado: “esquema do governador para a base aliada” (em 5) e “em troca de apoio no congresso” (em 6).

Outra observação importante centra-se na sequência 4. Quando a Folha se refere ao acontecimento como “já chamado mensalão do DEM”, temos em “já chamado” outro ponto de deriva de sentidos. Precisamos questionar quem “já chama” o esquema de “mensalão do DEM”. Ao deixar vazio esse espaço, além de afastar de si a responsabilidade pela denominação do escândalo, que de fato foi chamado de “mensalão do DEM” antes da publicação do jornal, a Folha deixa falar o sentido de naturalização do nome. Não importa quem chamou o escândalo dessa forma, o sentido produzido pelo uso de “já chamado” é: o escândalo tem esse nome, pois se trata de um nome apropriado, se trata do nome correto. Ao longo dos textos estudados, o termo “mensalão do DEM” reaparecerá diversas vezes, sem trazer a tona menções ao PT. Dessa forma, o jornal reforça o sentido de naturalidade da designação, tornando evidente a utilização de um nome que, sabemos, guarda uma profunda inscrição histórica que produz sentidos.

Mostramos até aqui como o termo “golpe dos panetones” se configura como um ponto de deriva no qual os sentidos podem se construir pela singularização do acontecimento político em oposição a “mensalão do PT” que relaciona dois escândalos de corrupção. Com relação ao primeiro, mostramos duas diferentes designações construídas a partir da afirmação de que o dinheiro seria destinado à compra de panetones. Nos trinta dias de jornal que compoem o *corpus* encontramos apenas essas duas formas de designar o escândalo a partir dos panetones, além de retomadas desse sentido por meio de outros mecanismos que não a designação. O termo mensalão, entretanto, reaparecerá inúmeras vezes ao longo dos textos publicados pelo jornal. A sequência 7 mostra algumas das diferentes formas de designar o escândalo a partir da memória dos pagamentos mensais a aliados políticos. Não indicaremos o texto do qual as designações foram retiradas, pois, todas elas aparecem mais de uma vez:

(7) “mensalão do Democratas”; “mensalinho do DF”; “novo modelo de mensalão”; “novo mensalão”; “mensalão de Arruda”; “pagamento de mesada”

Podemos perceber que a memória do pagamento mensal de propina, que faz o “mensalão do PT” significar no “mensalão do DEM”, é muito mais recorrente na construção de designações do acontecimento do que a memória da compra de panetones, que remete apenas ao “mensalão do DEM”. Essas memórias, entretanto, não são retomadas pelo jornal apenas por meio das designações, elas aparecem ao longo do texto de diferentes formas. A leitura integral do *corpus* indica que a memória dos pagamentos mensais de propina é muito mais recorrente do que a da compra de panetones. Não traremos aqui todos os textos que

retomam uma dessas duas memórias, entretanto, basta um olhar para os títulos dos textos sobre o escândalo que apareceram nas capas do jornal (em 8) para percebermos essa diferença quantitativa:

(8) *“Governador do DF é acusado de corrupção” (28/11/2009); “Governador do DF aparece em vídeo recebendo dinheiro” (29/11/2009); “Vídeos mostram aliados de Arruda recebendo dinheiro” (30/11/2009); “Ex-secretário liga tucano a mensalão” (01/12/2009); “Fita expõe ação de Arruda no mensalão” (02/12/2009); “Para mensalão do DEM, PT propõe impeachment” (03/12/2009)*

Destacamos as primeiras páginas dos jornais pelo seu papel em relação à cristalização de sentidos uma vez que, além de ocuparem o lugar historicamente construído para as notícias mias importes, são a páginas mais lidas tanto por quem lê o jornal e olha primeiro para capa quanto por quem apenas passa perto de uma banca de jornais e rapidamente lê a manchete. O termo “mensalão” é utilizado três vezes, enquanto que a compra de panetones não aparece nenhuma vez. Percebemos, portanto, que em termos de recorrência, o jornal cristaliza o sentido de identificação entre os dois escândalos enquanto silencia as diferenças. Dessa forma, em “mensalão do DEM” temos falando de forma marcada a memória do “mensalão do PT” sendo que os sentidos são construídos para que na designação “mensalão do DEM” leia-se: esquema de corrupção como o esquema do PT.

### **Panetones e silenciamento de sentidos possíveis**

Além do apagamento parcial das denominações construídas a partir da compra dos panetones, encontramos outro funcionamento que silencia esse sentido enquanto uma possível forma de singularizar o esquema de corrupção no DEM. Trata-se de um processo que resignifica os panetones, saturando essa mesma denominação com sentidos que conectam os dois acontecimentos, não apenas por meio da referencia aos pagamentos mensais, mas também a outras formas de remeter ao “mensalão do PT”.



(9)<sup>32</sup>:

Figura 2: Manifestantes usam panetones em protesto contra a cúpula do DEM

Destacamos, nesta sequência, a relação da imagem com o texto e a forma como, a partir desta relação, percebemos um jogo de destacar e silenciar promovido pela imagem. Para compreendermos este processo é preciso remontar, inicialmente, a Adalberto Vieira da Silva, secretário do diretório do PT no Ceará e assessor do deputado petista José Nobre Guimarães. Adalberto foi flagrado, em 2005, com grande quantidade de dinheiro em uma mala e uma alta quantia de dólares guardados nas cuecas, configurando um dos símbolos que mais fortemente fazem remeter à memória do “mensalão do PT”: os dólares na cueca. Dois personagens envolvidos no “mensalão do DEM” se ligam a essa memória. Inicialmente, Leonardo Prudente, então Presidente da Câmara Legislativa do DF, que aparece em um dois vídeos gravados por Durval Barbosa guardando dinheiro nas meias. Outro envolvido é Alcyr Collaço, dono de um jornal em Brasília, que também aparece em um dos vídeos de Barbosa, guardando dinheiro nas cuecas. Tanto o dinheiro nas meias de Prudente quanto o dinheiro na Cueca de Collaço se configuram como pontos de deriva de sentidos a partir dos quais são

<sup>32</sup> MANIFESTANTES usam panetones em protesto contra a cúpula do DEM. **Folha de São Paulo**, 01 dez. de 2009. Brasil, p. A6.

tecidas relações entre os dois escândalos, relações baseadas, neste ponto, na estranheza causada pelos locais onde o dinheiro é guardado.

Destacamos que, embora o assunto do texto seja uma manifestação na qual o panetone é usado para significar a corrupção, a imagem publicada pelo jornal dá destaque ao dinheiro na meia de um manifestante, referência direta a Leonardo Prudente. Como sabemos, o dinheiro na meia de prudente, ao lado do dinheiro na cueca de Collaço, também significa o escândalo do “mensalão do DEM” a partir da memória do “mensalão do PT”, repetindo a orientação discursiva que interconecta os dois mensalões. Destacamos ainda que, colocando os dois símbolos lado a lado, e destacando a imagem do dinheiro nas meias enquanto apaga os panetones que são centrais no texto, o jornal cria um vínculo inexistente entre os sentidos produzidos por um e por outro símbolo, deixando significar nos panetones sentidos que remetem aos dólares na cueca e ao “mensalão do PT”. Assim, temos nesta imagem, mais uma vez, o apagamento dos panetones como marca da diferença em função da saturação das semelhanças entre os dois escândalos.

Vejamos outro exemplo em (10):

(10) “*Às pizzas da nação petista, José Roberto Arruda contrapôs os panetones.*”<sup>33</sup>

Primeiramente, precisamos entender a expressão “pizzas da nação petista”. A Folha defende que o “mensalão do PT” acabou em pizza, ou seja, os culpados não foram punidos. Embora o julgamento, no Superior Tribunal de Justiça, dos envolvidos no “mensalão do PT” ainda não tenha acontecido (ver 11), o jornal defende que a distância entre o acontecimento e o julgamento faz com que a população perca o interesse e os políticos encontrem formas de se inocentarem ou de aliviarem suas punições (ver 12). Dessa forma, “Às pizzas da nação petista” produz sentidos relacionados ao “mensalão do PT”.

(11) “*o escândalo do mensalão petista foi revelado pela Folha em 2005; o relator do processo no STF, ministro Joaquim Barbosa, não prevê para antes de 2011 um veredicto sobre o caso.*”<sup>34</sup>

(12) “*A corrupção política padronizada em mensalões de ideologias diversas unificou também a forma como todos os acusados reagem. (...) Primeiro, vem o pressuposto acaciano- todos têm direito a ampla defesa. Segundo, usa-se a estratégia infalível de deixar o tempo mitigar os efeitos negativos iniciais do escândalo.*”<sup>35</sup>

<sup>33</sup> GASPARI, Elio. Ah, se meu panetone falasse... **Folha de São Paulo**, 02 dez. de 2009. Brasil, p. A6.

<sup>34</sup> TEMPO demais. **Folhas de São Paulo**, 06 dez. de 2009. Brasil, p. A2.

<sup>35</sup> RODRIGUES, Fernando. Quando o direito é um abuso. **Folha de São Paulo**, 07 dez. de 2009. Brasil, p. A2.

Precisamos também perceber que o jornal desconstrói a expressão popular “acabou em pizza”, destacando a pizza não apenas como símbolo da impunidade, mas como alimento, trazendo ao lado a significação do “mensalão do DEM” a partir de outro alimento, o panetone. A partir daí podemos compreender como o jornal direciona a produção de sentidos nesta sequência discursiva em análise: o jornal satura a memória do “panetone” fazendo com que, nesta palavra que poderia significar a diferença entre os dois escândalos, falem predominantemente as semelhanças que, explicitadas em outros momentos, ressurgem pela justaposição dos dois escândalos.

É importante também destacar que, na relação das sequências 10, 11 e 12 percebemos uma regularidade na forma de significar o resultado final dos escândalos. Tanto para o “mensalão do PT” quanto para o do DEM, o tempo decorrido entre as denúncias e as punições acaba gerando um distanciamento entre, principalmente, a atenção da população e o acontecimento, o que pode amenizar as punições. Em 11, a distância de seis anos entre as denúncias e o possível julgamento do “mensalão do PT” é o que, para o jornal, caracteriza-se como acabar em pizza. Em 12, o jornal produz sentidos para a corrupção em geral, afirmando que o comum no Brasil é que os escândalos acabem em pizza. Essas sequências representam os sentidos retomados em 10, e, a partir delas, percebemos como o jornal além de significar o “mensalão do DEM” pela relação com o “mensalão do PT”, produz sentidos para o “mensalão do PT” afirmando, ou reafirmando, que os envolvidos no escândalo de 2005 não foram punidos como deveriam.

### **O comportamento cíclico de Arruda**

A cobertura do “Mensalão do DEM” retoma outros escândalos políticos além do “Mensalão do PT”, centraremos nossas análises em uma rede de sentidos que se forma em torno da memória do escândalo da quebra do sigilo do painel do senado em 2001. Apresentamos a seguir algumas das sequências discursivas que materializam essa rede de sentidos no jornal Folha de São Paulo e a forma como o jornal constrói para Arruda a imagem de um político que se comporta ciclicamente, e, mais a fundo, uma das fases do ciclo de Arruda: a desfiliação.

(13) “... José Roberto Arruda, renunciou ao cargo no Senado para depois chegar ao governo.”<sup>36</sup>

<sup>36</sup> RODRIGUES, Fernando. Brasília, Brasil. **Folha de São Paulo**, 28 nov. de 2009. Brasil, p. A2.

(14) “Era líder do governo no Senado quando, em 2001, foi flagrado violando o painel de votação e renunciou para não ser cassado. Arruda transformou seu recuo tático numa pantomima de arrependimento e autoflagelo.”<sup>37</sup>

(15) “Pressionado pelo partido, Arruda constrói uma estratégia para se manter no cargo, conservando, assim, o foro privilegiado para ser investigado. No entanto, ele disse a interlocutores que não descarta renunciar caso a situação se agrave. Envolvido no escândalo de quebra do sigilo do painel do Senado em 2001, Arruda renunciou ao mandato.”<sup>38</sup>

(16) “Acusado de participar de violação do sigilo de votos no Senado, começou negando tudo e terminou por renunciar ao mandato, para escapar de cassação.”<sup>39</sup>

(17) “[...] Arruda pode se antecipar à possível expulsão e se desfiliar, repetindo gesto que fez em 2001[...].”<sup>40</sup>

(18) “É sempre a mesma história. Apanhado, o magano chantageia seus pares ameaçando contar o que sabe. O tempo passa, ele mede as consequências, sai de fininho, e restabelece-se a paz no andar de cima.”<sup>41</sup>

(19) “[...] o governador José Roberto Arruda se desfilia do DEM na véspera de ser expulso e por puro cálculo político. Em vez de mea culpa, trata-se de uma nítida tentativa de evitar a expulsão e de manter-se vivo no governo agora e na política depois.”<sup>42</sup>

---

<sup>37</sup> SILVA, Fernando de Barros e. Faroeste caboclo. **Folha de São Paulo**, 30 nov. de 2009. Brasil, p. A2.

<sup>38</sup> GUERREIRO, Gabriela e ODILLA Fernanda. DEM pode expulsar Arruda para evitar dano. **Folha de São Paulo**, 30 nov. de 2009. Brasil, p. A6.

<sup>39</sup> O MENSALÃO do DEM. **Folha de São Paulo**, 01 dez. de 2009. Brasil, p. A2.

<sup>40</sup> BRAGON, Ranier. Dividido, DEM decide hoje sobre expulsão. **Folha de São Paulo**, 01 dez. de 2009. Brasil, p. A7.

<sup>41</sup> GASPARI, Elio. Ah, se meu panetone falasse... **Folha de São Paulo**, 02 dez. de 2009. Brasil, p. A6.

<sup>42</sup> CANTANHÊDE, Elaine. Dia de cão. **Folha de São Paulo**, 11 dez. de 2009. Brasil, p. A2.

(20)<sup>43</sup>:

Figura 2: Comportamento Cíclico

As sequências 13-16 apresentam diferentes descrições das ações de Arruda quando seu envolvimento na quebra do sigilo do painel foi trazido à tona. As sequências discursivas parafrásticas indicam a construção de um ciclo, o qual aparece espetacularizado no infográfico intitulado “comportamento cíclico” (20): Arruda estava no poder, foi flagrado em atividades ilícitas, se desfilou do partido e, em outro partido, retornou ao poder. Essas sequências discursivas são a materialização de parte de uma rede de sentidos sustentada pela memória do acontecimento político em 2001. Não se trata, entretanto, de apenas retomar uma memória e trazê-la à tona, trata-se, antes, de cristalizar para essa memória um sentido e não outros. A constante repetição do ciclo de Arruda faz com que o sentido do comportamento

<sup>43</sup> ARRUDA perde no TSE e deixa o DEM antes de ser expulso. **Folha de São Paulo**, 11 dez. de 2009. Brasil, p. A4.

cíclico se torne evidente para a caracterização do político. Além disso, percebemos em 17 que, a partir dessa evidência, é possível produzir sentidos supondo que Arruda repita seu comportamento no novo acontecimento político. Em 18, “é sempre a mesma história” constitui um ponto de deriva e permite interpretar tanto o acontecimento político de 2001 quanto o de 2009, de forma que a memória atua sustentando uma generalização e permitindo que o enunciado signifique dois acontecimentos políticos distintos e até mesmo uma generalização para a política em geral.

Quando a desfiliação de Arruda do DEM é noticiada em (19), percebemos que, de acordo com a Folha, mais uma das fases do comportamento cíclico de Arruda se confirma no novo escândalo, reforçando ainda uma vez mais o sentido do ciclo.

Além do ciclo em si, os enunciados acima são representativos da forma como o jornal constrói para Arruda a imagem de um político que age não pautado pelos interesses dos que representa, mas por interesses próprios, para permanecer no poder. Para a produção/cristalização desse sentido o jornal faz falarem redes constituídas no interior do movimento cíclico que apresentamos acima, produzindo sentidos em torno da desfiliação por meio da resignificação da memória da quebra de sigilo.

Se desfiliar do PSDB em 2001 é caracterizado pelo jornal em (14) como recuo tático, pantomima. O uso desses adjetivos constrói para a desfiliação o sentido de uma manobra operada por Arruda que permitiu a ele o retorno ao poder se elegendo, pelo DEM, deputado e depois governador do DF. Em (13) o jornal materializa para a desfiliação o sentido de um ato que tem um objetivo político, uma vez que Arruda “renunciou ao cargo no Senado para depois chegar ao governo”, sendo que na preposição “para” o sentido de “com o objetivo de” se cristaliza.

A desfiliação do DEM em 2009 é caracterizada como “estratégia” (15) e “cálculo político” (19). Percebemos a repetição do sentido de um ato que não constitui uma “mea culpa” (19), pois o jornal constrói para a desfiliação o sentido de ato político, trata-se novamente de se desfiliar com o objetivo de se manter na política. Importa destacar que esse sentido se constrói no interior do ciclo, e que os adjetivos estratégica, cálculo, tático e pantomima além de outros dispersos nos textos do jornal, caracterizando tanto o escândalo de 2001 quanto o de 2009, constituem uma família parafrástica, de forma tal que na desfiliação de 2009 fala um sentido constituído historicamente, que se produz pela filiação a redes de sentidos constituídas a partir de 2001, e que não se trata apenas de cristalizar o sentido de que Arruda está se desfiliano para tentar se salvar politicamente, mas que ele está fazendo isso novamente, está repetindo o gesto que fez em 2001 (17).

## Conclusão

Nosso percurso analítico foi iniciado pela investigação das designações do “mensalão do DEM”. Estudamos a forma como a menção à compra de panetones com dinheiro supostamente ilícito produziu a designação “golpe do panetone” ao mesmo tempo em que os sentidos deslizaram de pagamento mensal de propina para outra designação possível: “mensalão do DEM”, construída a partir da memória do “mensalão do PT”. Esses deslizamentos se mostraram significativos no interior do funcionamento do discurso midiático sobre o acontecimento político, pois, o recorrente retorno ao termo “mensalão” e à memória do “mensalão do PT” se opôs a um apagamento parcial do retorno ao termo panetone. Além disso, pudemos perceber que, mesmo quando fala dos panetones, que podem significar a diferença, o jornal opera modificações nas redes de sentido e faz com que em panetone também fale a memória do “mensalão do PT”, tornando essa memória uma presença constante nas margens dos enunciados que constituíram nosso corpus.

Nossas análises revelaram, assim, em um primeiro momento, a presença de dois funcionamentos discursivos complementares entre si: a cristalização dos sentidos que marcam a semelhança entre os dois mensalões e o silenciamento dos sentidos que marca a diferença. Dessa forma, as designações construídas a partir dos pagamentos mensais de propina e dos panetones adquirem sua espessura histórica significando o Mensalão do DEM não por suas características próprias, mas pelas semelhanças que guarda com o Mensalão do PT.

Em seguida, nossas análises se debruçaram sobre a memória de outro acontecimento político no qual Arruda se envolveu: a quebra do sigilo dos votos do senado em 2001. Pudemos notar a construção e cristalização do sentido do comportamento cíclico de Arruda. A Folha apresenta um passo a passo dos atos de Arruda em 2001, os quais são repetidos em 2009. Além de construir o sentido do comportamento cíclico, a Folha sustenta na memória deste comportamento a construção de Arruda como um político que age por interesse próprio e não pelo interesse coletivo. Materialidades como *cálculo político*, *recuo tático e estratégia* foram utilizadas pelo jornal para construir essa imagem. A repetição do ciclo e dos sentidos produzidos em torno da desfiliação promove a cristalização desses sentidos: não se trata apenas de um sentido possível para Arruda, mas de um sentido recorrente para caracterizar o político, um sentido que, no plano das evidências, torna-se verdadeiro e sempre presente.

A respeito do funcionamento da memória enquanto categoria discursiva, notamos que a presença da memória do “mensalão do PT” se configura como a presença de uma memória que é ao mesmo tempo a memória do outro e a memória do mesmo. Os sentidos em torno do “mensalão do DEM” são produzidos por meio da relação que estabelecem com o “mensalão

do PT” de forma que os sentidos para aquele se constituem não como novos sentidos, mas antes como sentidos que derivam dos produzido para este. Trata-se, portanto, de significar ambos os escândalos por meio de um imbricamento de sentidos que significam o “mensalão do DEM” pela relação com o “mensalão do PT” e resignificam este pela relação com aquele. O estudo do escândalo da quebra do sigilo do painel permitiu lançar luz a um funcionamento da memória a partir do qual as redes de sentido se movimentam construindo e cristalizando sentidos que caracterizam José Roberto Arruda como um político que age por interesse próprio e não pelo interesse coletivo.

Pudemos notar, por fim, que a memória discursiva funciona por meio da tensão entre a cristalização e o apagamento de sentidos. É dessa forma que se constitui um imaginário para o “mensalão do DEM”, imaginário este que é cristalizado ao longo da cobertura do escândalo pela Folha, de forma tal que determinados sentidos ficam, no plano das evidências, presos a determinados enunciados. Assim também o jornal cristaliza sentidos para outros imaginários, como a política nacional que é significada como intrinsecamente corrupta. Esse sentido ao mesmo tempo que circula no imaginário social, irrompendo nas materialidades analisadas e sustentando a possibilidade do dizer, é cristalizado por essas mesmas materialidades.

## Referências

- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2001.
- ORLANDI, Eni. Puccinelli. **Terra à vista – Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo**. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.
- MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (922-1989)**. Rio de Janeiro: Revan, 1998.
- PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In.: ACHARD, Pierre. **Papel da Memória**. Campinas: Pontes Editore, 2007.
- PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. 5ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2008.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.